

A crescente aproximação entre a psicanálise e a arte pode ser entendida como um sinal dos tempos. Em que outra época as interfaces seriam tão solicitadas como nos últimos anos, em meio à perda definitiva das fronteiras cartesianas, tão bem armadas para nos afastar do incomensurável, do interdito, do inefável?

É verdade que a *consciência* das afinidades entre o saber estético e a experiência analítica data pelo menos do início do século, como por exemplo, no surrealismo. Mas, a sistematização teórica desses encontros tem podido hoje proliferar em espaços amplos de discussão, justamente porque a noção de um sujeito soberano e crente no valor incontestado da consciência expira a cada dia. O crítico Alfredo Bosi, ao prefaciar *O Universo da Crítica Literária*, de Phillipe Willemart, mostra como o atual contexto propicia essa abertura aos estudos interdisciplinares:

## O poeta e o analista: a metáfora na clínica

*Resenha de Helena Kon Rosenfeld, Palavra pescando não-palavra: A metáfora na interpretação psicanalítica, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998, 157 p.*

“Esse esvaziamento da psicologia da personalidade convém à *morte* do autor que Barthes anunciou em sua fase estruturalista. Extinto o sujeito que tudo centrava em si ao ditar o texto, surgiram logo os seus lépidos substitutos, o inconsciente genético, o inconsciente textual, o inconsciente narrativo, o inconsciente poético, o protonarrador, enfim, o *scriptor*. Na verdade, essa proliferação de agentes tem um significado preciso não só no corpo das teorias literárias recentes, como na história do processo cultural mais amplo que tem nos envolvido nos dois últimos decênios. ‘Tudo o que é sólido desmancha no ar’, lema pós-moderno por excelência, quer agora dizer: todo conjunto de elementos que, em passado ainda mais próximo, era visto como *sistema* e entendido internamente como *estrutura*, desintegra-se hoje cedendo lugar a uma pluralidade aberta que beira o caos”<sup>1</sup> (grifos do autor).

É nesse espaço aberto às pluralidades que podemos inserir o livro de Rosenfeld, *Palavra pescando não-palavra: A metáfora na interpretação psicanalítica*, contribuição diferenciada já pela sua proposta: “Ao invés de olhar para a arte a partir do referencial da psicanálise, olhar para a psicanálise a partir da estética” (p. 14). Isso significa, como nos mostra a autora ao longo dos quatro capítulos, encontrar na arte – em particular na figura da metáfora – o paradigma de uma atitude poética como dimensão inerente à prática clínica. E nesse sentido, a autora está sendo bastante fiel ao pensamento freudiano, que não fez do inconsciente parâmetro para a poesia, mas justamente o contrário – viu no simbolismo poético a matriz para a compreensão dos sonhos. J.G. Merquior comenta com precisão esse momento inaugural da psicanálise: “Ao apontar a condensação, o deslocamento e a sobredeterminação como mecanismos fundamentais da semiose onírica, Freud tomou a poesia (*sub specie metaphorica*) como modelo do sonho, não o sonho como modelo do poético. A bem dizer, o que ele erigiu como paradigma do sonhar não foi nem a ‘poesia’, mas o *processo poético*, com ênfase naquele aspecto produtivo que transparece no étimo da palavra (*poiein=fazer*). Essa tônica é bem perceptível no emprego, nada casual, que Freud faz da expressão *Traumarbeit* (o ‘trabalho do sonho’).”<sup>2</sup>

Ciente dos riscos de tal empreitada, Rosenfeld busca “escapar de aproximações redutoras que façam da psicanálise uma arte ou do psicanalista um poeta” (p. 15). Ela sabe que semelhanças não são identidades e que a riqueza de seu trabalho está justamente em preservar a natureza da diversidade. Estética e psicanálise seriam linguagens nascidas de uma mesma fonte – a necessidade de expressão humana – mas que se manifestam de formas próprias e irreduzíveis. Trata-se de fazê-las dialogar para que a psicanálise possa ser ressignificada à luz do que a arte oferece como possibilidade de atingir o que de outro modo se perderia no silêncio.

Ainda que a psicanálise possa constituir-se num rico instrumental para as interpretações literárias, seja na crítica genética, na textanálise, na patografia, na psicobiografia, na psicocrítica etc. – formas diversas de abarcar a latência do discurso ou mesmo as vicissitudes do autor – o interesse de Rosenfeld é fazer o trajeto inverso: surpreender no poético um modelo de escuta analítica. Elegendo tal vereda, que já vimos ser um retorno positivo às melhores postulações

de Freud (nem sempre seguidas por ele mesmo e por seus discípulos ao se apoiarem nas artes para os estudos psicanalíticos), o livro de Kon desvia-se felizmente dos equívocos de um freudismo achatador, seja aquele que reduzia a obra a um biografismo simplista, esquecendo-a como arte, seja o que tomava as personagens ficcionais para diagnosticá-las como pacientes clínicos. Seu diálogo parece ser, antes, com a estética da recepção, ou seja, com uma teoria dos efeitos, voltada para o impacto da obra na subjetividade do seu receptor.

Partindo do inegável estilo literário dos textos de Freud e da certeza de que “a psicanálise pede e exige o poético” como “única linguagem possível quando se trata de descrever processos psíquicos, nem sempre acessíveis para a linguagem científica” (p. 21), Rosenfeld afirma o seu ponto de partida: “Se esse objeto especial (os materiais ‘íntimos, ocultos, difíceis de definir e impossíveis de quantificar’) exige o poético para ser descrito num texto, também deveria exigir o poético para ser atingido na clínica” (p. 23). Daí, a poeticidade da psicanálise ser o fio condutor do livro, que navega em torno de dois eixos fundamentais: a metáfora e a interpretação, figuras que participam igualmente dos dois campos examinados pela autora. Ambas encontrariam o seu núcleo aglutinador na *experiência estética*, expressão reiterada ao longo do ensaio, referindo-se a uma vivência transformadora, presente tanto na dimensão artística quanto na analítica.

Ao buscar “circunscrever e legitimar a dimensão poética da psicanálise, e tirar proveito dela na prática clínica” (p. 23), a autora trabalha com um pressuposto fundamental: “Só a fala poética tangencia o indizível”, apoiada na sugestiva citação de Nietzsche: “Aquilo para o que encontramos palavras, já ultrapassamos”. Qual seria, então, a natureza dessa fala outra, que se aproxima justamente do que não pode ser dito? Mobilizada por essa indagação, Rosenfeld encontra na metáfora o modo privilegiado de dar voz a experiências que tenderiam a ficar mudas. Sendo essa a motivação primeira (e, talvez, última) do trabalho analítico, a linguagem metafórica é o ponto de intersecção dessas duas vias do discurso humano.

Nas palavras da autora: “O trabalho do escritor, do poeta, é nesse aspecto muito parecido com o do psicanalista: um trabalho de nomeação da experiência emocional, mas uma nomeação especial, uma nomeação que possa dar vida a ela, que não a mate com um nome” (p. 40). Descobre-se na metáfora, um poder de “presentificação” do ser, de “potencialização de efeitos”, capaz de romper os nexos habituais das palavras e com isso libertar afetos reclusos.

Rosenfeld encontra sua principal referência para o paradoxal drama hamletiano da linguagem - ser ou não ser palavra, ou ainda, da palavra nunca ser a coisa e no entanto só por ela a coisa ser - na reflexão ficcional de Clarice Lispector, da qual extraiu a inspiração para o título do trabalho. Sem dúvida, a escolha é extremamente pertinente quando se quer abordar os limites da escritura. O interesse crescente por essa escritora também participa do mesmo *zeitgeist* sugerido no início dessa resenha e que aponta para a relativização da consciência como visão absoluta do real. Como mostra Anatol Rosenfeld nas *Reflexões sobre o Romance Moderno* (1976), a arte moderna se caracteriza por negar o compromisso com este mundo empírico das “aparências” através de um processo de desmascaramento da ilusão dos sentidos. No entanto, a transformação contemporânea vai mais longe: “O fundamentalmente novo é que a arte moderna não o reconhece (o fenômeno da relativização) apenas tematicamente, através de uma alegoria pictórica ou a afirmação teórica de uma personagem de romance, mas através da assimilação desta relatividade à própria estrutura da obra-de-arte. A visão de uma realidade mais profunda, mais real, do que a do senso comum é incorporada à forma total da obra”.<sup>3</sup>

Decorre desse novo olhar - aberto agora às irrupções do fragmentário, do desconexo, das simultaneidades temporais e de todo um universo liberto das exigências miméticas impostas pelo retratismo renascentista - decorre dele a própria construção da realidade que se pretende conhecer, expressar, atingir. Helena Kon Rosenfeld se alinha aos herdeiros dessa visão de mundo, o que a permite aproximar as esferas da arte e da psicanálise como formas antes de tudo criativas de expressar o humano em sua totalidade. Porém, sua visada é cautelosa, não se deixando capturar pelas saídas fáceis em que tudo é pura construção *ex-nihilo*, o que negaria realidade ao objeto apreendido.

O caminho da autora é instigante na medida em que se serve de seus exemplos clínicos como vivências de encontro das esferas do emocional e do intelectual. É possível depreender das cenas relatadas o modo delicado da analista postar-se ao lado dos pacientes e com eles encontrar (e tantas vezes esperar) o nome que configure sua singularidade: “Uma palavra que nasça de suas vivências particulares e que retorne a elas. Uma palavra, enfim, que busca algo dificilmente atingível por palavras” (p. 41). As sessões com Roberta, por exemplo, trazem a emergência de determinadas nomeações que perfilam as emoções, contornando núcleos afetivos quase inacessíveis: ora Roberta é uma bomba prestes a explodir, ora uma terrorista *kamikaze*, ora um jorro que é um vômito, ora Sísifo, personagem mítica, etc. As metáforas brotam “e propõem uma nova forma de percepção de si mesmo e do mundo” (p. 45). Mas, também essas são configurações transitórias: “É uma forma

que permite alguma visualização, alguma representação, embora sempre provisória e fugaz" (p. 37, grifos da autora).

Uma outra cena clínica é convocada pela autora na sua busca de uma resposta à questão inaugural de sua pesquisa: A que se deve o poder da metáfora? Vale a pena transcrever o trecho da sessão em que a linguagem metafórica transporta um entendimento inusitado: "(...) Solange conta que seu filho pequeno levou um castigo do pai - uma semana sem ver televisão - e fez xixi na cama por alguns dias. Acha interessante a idéia de que a enurese possa ter surgido como uma resposta a um estado emocional, quem sabe um ato de 'soltar' por sentir-se 'preso'. Eu lhe pergunto, então: e qual é o seu xixi? 'Comer', responde prontamente (ela é gorda), e depois comenta: 'mas que pergunta esquisita!'" (p.47). Surpresa com a pronta resposta da paciente - que se deixa embarcar na "pergunta esquisita", rompendo barreiras antes rígidas - Rosenfeld entende sua questão como um modo de pensar qual era a metáfora (sintoma) de Solange, análoga à do xixi do seu filho. Essa abertura, diz a autora, permitiu que ambas conversassem sobre o comer e engordar de uma maneira inédita.

É raro um analista publicar relatos clínicos onde expõe suas limitações ou mesmo seus possíveis equívocos. Nesse sentido, é bastante louvável a iniciativa de Rosenfeld quando nos conta, numa outra vinheta clínica, como se perdeu na ânsia de compreensão prematura, na sua "compulsão a interpretar". Frente aos diferentes bonecos que o menino de oito anos trazia para encenar grandes lutas, a analista ficou "cega e surda porque estava afoitamente tentando compreender o significado daquelas cenas, daqueles personagens: Quem era o Aladim? Quem era o Jafar? A luta era contra quem? O pai?

A mãe? E eu? Eu estava diante desse 'prato cheio' de símbolos e enigmas a decifrar, de conteúdos psíquicos a destrinchar, mas saí com fome, fiquei impedida de simplesmente brincar com ele, de simplesmente estar com ele, para que desse encontro pudesse surgir algo, configurar-se algo". A obsessão por metaforizar, portanto, pode deslocar o analista de sua escuta e distanciá-lo da situação emergente.

O texto prossegue discutindo a possibilidade transformadora da interpretação na análise. As inspirações teóricas são várias: André Green (e a sua noção de "vestígios" ou restos não elaborados na obra, que precisariam ser escutados pelo intérprete), Serge Videman (que rejeita a idéia de um texto primário, intacto no inconsciente, detentor de uma história objetiva a ser descoberta por um analista arqueólogo) ou ainda Fédida (que pensa o analista como uma "superfície de ressonância", propiciando acesso às tonalidades afetivas do paciente). Apontando alguns limites e possibilidades de cada uma dessas abordagens, a autora recolhe o que necessita para formular a sua concepção de interpretação como sendo "uma resposta ao encontro com um outro que nos afeta e mobiliza" (p. 77). E mais: "A interpretação tem que dar conta de uma alteridade, não pode ser pura construção. Por outro lado, a interpretação *transforma* tal alteridade, não pode ser pura reconstrução" (p. 61).

Da ordem de uma *Annahme* (termo alemão que Freud usou para "interpretação"), tal experiência supõe a quebra da distância reflexiva, bem como "o engajamento de todo o ser". É um "momento de posse-renúncia onde o sujeito só dominará a realidade à medida que se deixe surpreender por ela" (p.133). Aqui nos interrogamos se a autora não acaba por identificar demasiadamente a metáfora com a interpretação, ainda que, como ela, reconhecamos suas "afinidades estruturais". Não seria a metáfora momento sintético e epifânico da linguagem, enquanto o ato de interpretar suporia sempre uma secundariedade que desdobra (daí ser "análise") a condensação metafórica? Como distingui-las melhor na sua função operativa? São apenas propostas de continuidade desse trabalho, para buscar outros ângulos além das similitudes. Ainda outra ressalva: por várias vezes, a metáfora é tida como *única* forma de dizer o inominável. Só ela pode aceder ao sentido irrepresentável (p. ex., p. 125) ... Tal assertividade absoluta, fruto até da própria paixão da autora pelo assunto, acaba por excluir outras manifestações ou suportes expressivos que possam surgir na clínica ou na arte. Sejam quais forem, é sempre preferível dar lugar à sua existência...

Por fim, chama a atenção o estilo da autora, que pessoaliza e didatiza sua escrita, alcançando, pela simplicidade, um alto teor comunicativo. Ela acaba trazendo para o corpo do texto o mesmo véu poético que persegue na pesquisa. Isso dá beleza e legitimidade ao estudo, que se abre às incertezas, recorrências, dúvidas e ressonâncias afetivas. O mérito do livro não parece estar no peso das teorizações - mais sugeridas do que aprofundadas. Contudo, seu alcance está na clareza e sensibilidade das proposições, convocando o leitor a participar de uma experiência de fato compartilhada.

#### NOTAS

1. A. Bosi, "Nos meandros do manuscrito", in Phillippe Willemart, *O Universo da Crítica Literária*, São Paulo, EDUSP, 1993, p. 13.
2. J. G. Merquior, "Psicanálise, Arte e Literatura", in *Colóquio Letras* n.44, Lisboa, Julho de 1978, p.5-6 (grifos do autor).
3. A. Rosenfeld, "Reflexões sobre o Romance Moderno" in *Texto/Contexto*, São Paulo, Perspectiva, p. 81.

**Yudith Rosebaum** é psicóloga e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada. É autora dos livros *Manuel Bandeira: Uma Poesia da Ausência* (Edusp/Imago, 1993) e *Metamorfoses do Mal: Uma Leitura de Clarice Lispector* (Edusp/Fapesp, 1999).